

Práticas Pedagógicas Freirianas na Socioeducação: reflexões a partir da realidade de Adolescentes em Conflito com a Lei

Andrea Herder¹

Liana Lemos Gonçalves²

Mariana Vanini Hennemann³

RESUMO: Em uma crescente, as questões sobre violência e de criminalidade tornam-se diálogos cotidianos, especialmente no que tange o segmento populacional adolescente. Esta escrita, pretende provocar um diálogo e reflexão acerca da categoria Adolescente, especialmente, dos adolescentes reconhecidos como “em conflito com a lei”, dentro de uma proposta de trabalho Pedagógica com perspectivas Freirianas, no contexto Socioeducativo. Buscando um diálogo com os parâmetros legais de execução da Medida Socieducativa de Privação de Liberdade, tivemos um encontro literário com “Freire”, assim iniciando um processo que denominamos de “amplitude intelectual”. Desenvolvendo a releitura sobre os adolescentes e seus contextos de vida, enquanto sujeitos condicionados socialmente, surgindo um comprometimento profissional e humano para desenvolver com esses adolescentes uma prática pedagógica que nestes ambientes será sempre educativa para educandos e educadores, tendo como princípio a sensibilidade humana no desenvolvimento da mesma. Nossa proposta converge ainda, com o princípio da incompletude ou inacabamento de Freire, por onde também nos reconhecemos enquanto Pedagogas, Assistente Social e Pesquisadoras.

¹ Pedagoga na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

² Pedagoga na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Pesquisadora na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

*“Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão”.*

(Musica: Sonho Impossível/Versão: Chico Buarque e Ruy Guerra, 1972)

Conforme a música acima descreve, inspirando esta escrita, deparamo-nos com movimentos de “voar num limite improvável”, ao mesmo tempo, buscando “tocar o inacessível chão”, a fim de redimensionar o mundo e, conseqüentemente, reinventar-nos nele.

Em uma crescente, as questões sobre violência e de criminalidade tornam-se diálogos cotidianos, especialmente no que tange o segmento populacional adolescente.

Com diferentes posicionamentos acerca das realidades, noticiários, reportagens e outras formas de divulgação midiáticas, visibilizam os adolescentes, em números expressivos, em torno de atos praticados, considerados violentos e criminais.

Desde modo, esta escrita, pretende provocar um diálogo e reflexão acerca da categoria Adolescente, especialmente, dos adolescentes reconhecidos como “em conflito com a lei”, dentro de uma proposta de trabalho Pedagógica com perspectivas Freirianas, no contexto Socioeducativo. Obtendo como referência o trabalho Pedagógico desenvolvido em uma das Unidades de Atendimento Socioeducativo para Adolescentes em Situação de Privação de Liberdade no Rio Grande do Sul.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê o atendimento de medidas socioeducativas, considerando, especialmente nesta investigação, a privação de liberdade. Desenvolvida em meio fechado, sob responsabilidade do Juizado da Infância e Juventude, a mesma se concretiza por meio de práticas (sócio)educacionais em espaço institucional.

Porém, buscando um diálogo com os parâmetros legais de execução da Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade, tivemos um encontro literário com “Freire”, assim iniciando um processo que denominamos de “amplitude intelectual”. Desenvolvendo a releitura sobre os adolescentes e seus contextos de vida, enquanto sujeitos condicionados socialmente, surgindo um comprometimento profissional e humano para desenvolver com esses adolescentes uma prática pedagógica que nestes ambientes será sempre educativa para educandos e educadores, tendo como princípio a sensibilidade humana no desenvolvimento da mesma.

Conscientes da importância dos estudos a partir de Paulo Freire à Educação de modo geral, estes evidenciam e alertam para a necessidade de problematizarmos temáticas que partem da Educação ou por meio dela perpassam, como o tema da Infância e Adolescência e a Violência que toma uma dimensão ampla, caracterizando adolescentes “Em Conflito com a Lei”. Conforme FREIRE (1996) expressa:

Toda prática educative demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina. (FREIRE, 1996, P. 68).

Neste sentido, todas as pessoas que atuam em uma unidade de internação de privação de liberdade de adolescentes possuem a função da socioeducação como inerentes ao seu trabalho. A ação socioeducativa deverá embasar todas as ações destinadas aos adolescentes e todos os momentos de contato com os mesmos devem ser valorizados para que ela possa ser promovida.

Na relação entre socioeducador e socioeducando ambos devem ser sujeitos do processo. Assim, concordantes com Paulo Freire “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Eis a importância do “outro” e de sua presença no processo socioeducativo para efetivação de uma prática pedagógica consciente e libertária. Segundo Antônio Carlos Gomes da Costa, é necessário aprender a fazer-se presente, ou seja:

Fazer-se presente, de forma construtiva, na realidade do educando não é, como muitos preferem pensar, um dom, uma característica pessoal intransferível de certos indivíduos, algo de profundo e incommunicável. Ao contrário, esta é uma aptidão que pode ser aprendida, desde que haja, da parte de quem se propõe a aprender, disposição interior, abertura, sensibilidade e compromisso para tanto. Efetivamente, a presença não é alguma coisa que se possa apreender apenas ao nível da pura exterioridade. (COSTA, 1991, p. 3)

Esta prática de “estar e fazer-se presente” exige especialmente do educador, implicação ao ato de educar e disponibilidade ao outro em sua integralidade, tanto cotidiana como de “mundos”. Contudo, torna-se de importância certa disciplina no que se refere aos limites da relação, não a tornando incondicional, uma vez que, é necessário preservar o “eu” para que se possa envolver-se com o “outro”.

Baseado no pensamento de Paulo Freire, Antônio Carlos Gomes da Costa (1991, p. 17), relata que a educação só é eficaz na medida em que reconhece e respeita seus limites e exercita suas possibilidades. No caso da relação educador-educando, esta maneira de entender e agir implica a adoção de uma estrita disciplina de contenção e despojamento, que corresponde, no plano conceitual, a uma dialética proximidade-distanciamento.

Acreditamos que se faz necessário a franqueza na relação educandos e educadores, porém, sem perdermos a lucidez. Abrir-se aos vínculos, não o confundido com intimidade. Ainda, a importância da exigência sem a perda da ternura e razão, especialmente no espaço de privação de liberdade onde já carrega todo um estigma punitivo e dureza.

Talvez, neste momento possamos pensar em uma “Educação do Sensível”, onde o que deve nos conduzir é a vida com suas múltiplas formas de expressões e sensibilidades. O cotidiano que nos torna “gentes” e estabelece o vivido a partir do que movimenta entre bonitezas e percalços do dia a dia. A sensibilidade que guie nossos sentidos e práticas educativas e não seja desprezada em nome de qualquer suposição de “verdade”.

Assim, em nossas práticas pedagógicas junto aos adolescentes, se faz necessário ultrapassarmos os contatos superficiais e efêmeros, bem como, intervenções meramente

objetivas, uma vez que, somente com a presença conseguiremos efetivar uma prática Socioeducativa humana. Aperto de mão, sorrisos, elogios, escuta sensível, diálogo. Todos estes elementos se fazem pertinentes à presença em prática sensível.

Todavia, é fundamental que, a partir da estimulação dos sentidos e sentimentos junto aos adolescentes haja contrapontos de reflexão acerca dos mesmos. É necessário ser estimulado e sentir em diversas formas, mas é imprescindível atentar ao que se sente e pensar no que fora estimulado e a representação dos mesmos em nossas vidas. Para além, é necessário acreditar no processo de mudança. Segundo Paulo Freire:

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível... um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. (1996, p. 85).

Nesta perspectiva de “estarmos sendo” é que nossas práticas pedagógicas constroem-se. Buscando reconhecer em cada adolescente, uma vida com suas contradições inerentes. Convergindo ainda, com o princípio da incompletude ou inacabamento de Freire, por onde também nos reconhecemos enquanto Pedagoga, Assistente Social e Pesquisadoras. Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido: o do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (1996, p. 29). Logo, a inconclusão é inerente à existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Antônio Carlos Gomes. *Por uma Pedagogia da Presença*. Governo do Brasil. Brasília, 1991.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

